

“Isso mostra que não sabemos nada do si-mesmo. Ele é um animal dobrado. Um Finismundo, um Odradeck, um pássaro de nome difícil. Esse animal vai se desdobrar ou não – e revelar seu estilo, seu rugido – no encontro com lugares, livros, pessoas ou coisas. O si-mesmo, essa alteridade em relação ao eu, está dobrado no corpo e depende do encontro com alteridades (ares, obras, acontecimentos) para aparecer ou abortar. Daí o caráter maravilhoso e misterioso de uma vida humana. Não há medida prévia para ela! Vive-se e é a partir daquilo que encontramos que o si-mesmo pode emergir e vir ao mundo ou ficar encruado e abortar. Nada e ninguém sabe dizer de antemão o que, onde e como alguém vai ser tocado e atravessado [...] pois o canto de amor ao si-mesmo é um canto de louvor aos outros e narrar o si-mesmo é dizer o outro.”

**INSTABILIDADE PERPÉTUA,
Juliano Garcia Pessanha, p. 68.**

Prefeitura do Rio, Secretaria Municipal de Cultura,
Teatro Municipal Maria Clara Machado
e Teatro Inominável apresentam

como cavalgar um dragão

14

Não recomendado para
menores de 14 anos



COMO CAVALGAR UM DRAGÃO apresenta cinco jovens que se reencontram no apartamento de uma amiga em comum, dois meses após o seu suicídio, para dividir entre si os pertences que restaram. No entanto, mais que isso, é também o somatório de muitos apoios, parcerias e encontros. Aqui, deixamos registrado o nosso especial agradecimento à Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro pelo Patrocínio concedido por meio do Fundo de Apoio ao Teatro – FATE; ao TEMPO FESTIVAL das Artes pela confiança e jogo; e a Melissa Flores e Shamata Filmes, pela disponibilidade e doação.

FLÁVIA NAVES, RÔMULO CORRÊA e DIOGO LIBERANO



Rio, 24 de setembro de 2011

A peça que apresentamos é, antes de tudo, alguma aposta destinada a reverenciar a persistência pela qual certas coisas nos invadem e criam raiz, e fazem filhos, e consomem nosso corpo e o tempo do mundo. A nossa ficção é aquilo que em vida não vivemos (necessariamente). É uma tentativa de experienciar a diferença para voltar ao que já somos, ao que já temos, mas com o olhar revigorado e talhado a afeto. É muita coisa, gente (e essas palavras, sem dúvida alguma, mais atrapalham do que orientam). Tudo bem. É tudo assim gigante e confuso, tudo é por vezes tão simples que dá medo acreditar que possa também ser seguro. Mas é. Podem chegar. Desse longo processo, iniciado em outubro de 2010, chegamos por fim ao ponto em que gostaríamos de estar: exatamente este, este aqui, onde nos encontramos com você, caro(a) espectador(a). Neste agora, a vocês, apresentamos essa dramaturgia criada colaborativamente durante meses. A vocês, a nossa expressão daquilo que nos atravessa e desorienta. A vocês, a nossa tentativa de falar daquilo que se passou, perderia sua urgência. A vocês, alguma urgência sim, mas, sobretudo, um convite: para compartilharmos os segundos sentindo juntos como eles se costumam. Aos amigos, já idos e ainda aqui comigo, dedico cada vírgula, cada sopro, toda e qualquer intenção. Aos amigos, me dedico por inteiro e sem comedimento. Poderia ser comigo, pode ser que um dia seja eu quem vá precisar de abrigo por um, dois, três tempos. Aos amigos,

DIOGO LIBERANO, dramaturgo e diretor



Patrocínio:

Residência Artística:



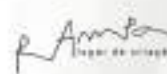
Realização:



Apoio:



Pão do Bento



Apoio cenário e figurino:

xsite



CONVERSE



Agradecimentos

Aos nossos amigos, familiares
e a todos que estiverem nesse entre.

Adriana Schneider
Ana Lúcia Alô Rodrigues
Analia Araujo
Angel Palomero
Bia Junqueira
Caio Riscado
Carmem Gadelha
Carolina Tavares
Cesar Augusto
Christiane Ayumi
Christiane Jatahy
Cia dos Atores
Cintia Luando
Claudio Dias Arantes
Conrado Costa
Da Guia
Daniel Gaudard
Davi Palmeira
Degmar Silva da Cunha
Diego Arantes
Domingos Alcântara
Eduarda Bastos
Escola de Teatro da UNIRIO
Fátima Rosa
Felipe Argollo
Felipe Ribeiro
Fernando Libonati
Francisca de Oliveira
Gabriel Vidal
Gheu Tibério
Gunnar Borges
Isadora Malta
Isadora Reis
Ivan Sugahara
Jarbas Albuquerque
Jô Bilac
Joana Mureb
Juliana Peixoto
Kelly Ezaki
Larissa Câmara
Leandro Barreto
Leonardo Hinckel
Lia Sarno
Livia Flores
Luar Maria
Lucas Nunes
Lucilia Liberano
Marcela Andrade
Marcelo Olinto
Marcia Dias
Maria das Graças Nogueira
Melissa Flores
Neco Fx
Pedro Bento
Poliana Pinheiro
Renan Barata
Renan Barata
Roberto Blattes
Rosilene Pereira
Rúbia Rodrigues
Tatiana Alvim
Tatiana Motta Lima
Teo Pasquini
Thais Grechi
Thaís Lerdo
Valcy Cambraia
Vanessa Gomes
Viniciús Arneiro
Viviane Maria Liberano

Talvez mais difícil que falar sobre o nosso processo, seja falar sobre ele sem usar palavras fortes. Começo por dizer o quanto fomos mal-dosos, pretensiosos, violentos, apaixonados. A começar pela escolha do tema: a morte de uma grande amiga, essa foi a nossa escolha. Só que a Leticia, nossa amiga, escolheu um algo além, ela escolheu a própria morte e aquilo que já era muito ficou gigante, enorme, virou um bicho imenso, esquisito, indomável, impossível.

E foi bem isso, tivemos que lidar com o impossível, nos arriscamos até o limite sem saber que, muitas vezes, só reconhecemos o limite depois de já tê-lo ultrapassado; estou falando da dor, do desespero, estou falando da agonia de não ter escapatória e ter que bancar o horror que é existir em meio a tanta incompreensão. E a nossa peça foi assim nos engolindo pra dentro de um universo imensamente incompreensível. Mas como falar da dor sem se tornar refém dela? Como falar da morte sem nos esquecermos da vida?

Nos lançamos a esse desafio não como flechas rápidas e certeiras, mas como uma ponte que lentamente se anuncia ao percebermos que o caminho é ainda mais longo e nebuloso para aqueles que se permitem ser, para além de chegada, também travessia.

FLÁVIA NAVES, diretora

Em memória de

Amanda Magalhães
Ana Raquel Santos Metre
Antonio Henrique Alexandre
Antônio Alexandre
Edna Alexandre Nascimento
José Ignácio de Araujo Neto
Rita Aparecida Teixeira
Terezinha



Ficha Técnica

COMO CAVALGAR UM DRAGÃO
DRAMATURGIA, criada em processo colaborativo
Diogo Liberano

IDEALIZAÇÃO
Diogo Liberano e Flávia Naves

DIREÇÃO
Diogo Liberano e Flávia Naves

ATUAÇÃO E CRIAÇÃO
Dominique Arantes, Fred Araújo, Marília Misailidis,
Nina Balbi e Vítor Peres

INTERLOCUÇÃO
Marina Vianna

ASSESSORIA TEÓRICA
Juliano Garcia Pessanha

COLABORAÇÃO TEÓRICA
Gustavo Guimarães

CENÁRIO
Rafael Medeiros

CENÓGRAFA ASSISTENTE
Fernanda Abreu

FIGURINO
Júlia Marini

VISAGISMO
Franklyn Alves e Júlia Marini

ILUMINAÇÃO
Renato Machado

DIREÇÃO MUSICAL
Rodrigo Marçal

ASSISTENTE DE DIREÇÃO MUSICAL
Philippe Baptiste

PREPARAÇÃO VOCAL
Verônica Machado

DESIGNER
Valerycka Rizzo

FOTOGRAFIA
Maurício Stal

REGISTRO AUDIOVISUAL
Seblen Mantovani

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Bianca Senna (Astrolábio Comunicação)

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Tamires Nascimento

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Rômulo Corrêa

REALIZAÇÃO
Teatro Inominável



TEATRO INOMINÁVEL

Criado em 2008, o Teatro Inominável é composto por Adassa Martins + Dan Marins + Diogo Liberano + Flávia Naves + Helena Cantidio + Natássia Vello. Seus dois primeiros espetáculos foram: “Não Dois” (2009) do texto argentino Paso de Dos de Eduardo Pavlovsky e “Vazio é o que não falta, Miranda” (2010) da obra Esperando Godot de Samuel Beckett.

Para saber mais sobre o Inominável, acesse: www.teatroinominavel.com.br



4a. Semana – Processo

Eles pensam como mudar o mundo. Eles pensam poder. Me dizem que vão construir, inventar personagens, falam sobre antropologia e contaminação. Eu escuto na sala da minha casa e acompanho de longe.

Setembro de 2011

De fato, não existe uma super visão. Impossível. O que se dá a ver nem sempre é visível.

Diogo, Flávia, Nina, Dominique, Marília, Fred, Vítor, Tamires, Júlia, Rafael são jovens e ávidos. Eles querem escrever – eles escrevem. Eles têm blogs, eles têm idéias. Eles têm pressa. Eles têm opiniões a respeito de tudo. Sempre.

Eles realmente acreditam no teatro. Eles não têm medo. Por isso me apaixonei.

MARINA VIANNA, interlocutora

Cansei de carregar meu fim de mundo pra passear no bairro com o desastre atrás e o medo na frente. Essa boca também esgotou-se na tarefa de narrar escombros. Agora o vazio é bem vindo pois ele é lugar para guardar o amigo! Haverá agora em mim um outro olhar e quando eu viajar e ver o mar, ou ver um relógio de flores na cidade serrana, ou alguma pintura viva e turbulenta, estarei olhando pela Letícia e simultaneamente ela que estará olhando através de mim. Agora eu compreendo porque eu era feito de tanto vazio. É para que coubesse o outro, o mundo do outro. Essa imensidão que me ultrapassa tanto existirá em mim e por isso, eu serei menor e maior ao mesmo tempo.

JULIANO GARCIA PESSANHA, assessor teórico

Em cada um de nós, há algo parecido com um dragão, que pode manter-se adormecido por toda a vida. Um fato qualquer, como um trauma decorrente de uma perda, por exemplo, pode despertar o dragão do seu sono profundo, fazendo com que ele venha à tona. É aí que entra a questão fundamental dos cinco personagens deste espetáculo. Como lidar com essa força, antes adormecida, agora presente, que nos toma por completo? A dor, decorrente da perda, é a força que move este espetáculo. No final das contas, trata-se de rir da própria dor, fazer nascer o riso do pranto, e seguir em frente, sempre, pois o único final certo de cada um é a própria morte. Até lá, cavalgar, sempre.

GUSTAVO GUIMARÃES, colaborador teórico





Esse espetáculo é resultado de mais ou menos um ano de suor, palavras e encontro de vontades. Para cada minuto, um infinito de pareceres e o som de oito vozes sobrepostas (oito, no mínimo). Meu desejo é que tudo isso esteja fervendo também na cena, como esteve e está em nossos corpos. Que ela não esconda, mas que catalise a jornada, e que o público se sinta assim como nós nos sentimos: tomados. Bom espetáculo!

NINA BALBI, atriz



16 de março: Primeiro dia em sala de trabalho. Muito rigor por parte da direção. O que mais escutei da Flávia foi "Neutraliza, Vitor". Tenho a sensação de que estamos nos propondo desde agora a realizar algo sério. 16 de junho: Pensar a esperança no espaço sugere o vazio. Algo sempre nos manteve juntos. Mas um aparente aprisionamento nos coloca numa zona de instabilidade desconhecida. Sempre estamos procurando com afincio algo invisível. Existe uma exigência aos detalhes. Criamos uma personagem que pela constante ausência é a personagem central. A Lilla foi criada a partir dos pedaços de cada um de nós e hoje ela é real e estabelece a relação entre os cinco outros personagens. 23 de setembro: Fica ... "Instabilidade Perpétua", composições, a descoberta de por vezes ser falível, "Lilla que traga", gestos, aquecimento de uso, raias, "Farpa", textos trabalhados que não estão na peça, a filha da Marcinha, desequilíbrio, os cafés, "Não Desapaixonar", hidrofofia, a possibilidade de vôo, "Um respiro do Dragão", a prisão no armário, garrafinha de minalba, + textos, Ignácio, 3/1/1, o lagarto da Marília, "jogo do quedar"... É impossível reduzir aqui a intensidade de um ano de encontros. Mas fica a alegria de continuar.

VÍTOR PERES, ator



Quando nos reunimos pela primeira vez, e começamos a trocar sobre o tema atravessamentos, descobrimos a importância desse encontro. Era nítido, pelas falas, gestos e respirações, como mais uma vez as inquietações estavam se reunindo para fazer nascer algo verdadeiro. Encontramos-nos para compartilhar nossas sinceridades, dividir aquilo que nos atravessa e nos transtorna. Fomos um desejo de ser transformação, e não mais admitir ser refém do que se cava em nós. Ao longo do processo, descobri que era necessário saber ultrapassar, aprender a se expor, se dispor, se rasgar, se doar, e recriar, ser capaz de ser novo, sempre, renovar. E quando as perdas no caminho, assim como os novos encontros, fizeram-se presentes, foi preciso ultrapassar a ficção e descobrir que a potência da arte está para além da plástica e da sonoridade das palavras ditas numa sala de ensaio. Para as descobertas, fez-se importante a sinceridade, a sobriedade e, muitas vezes, a embriaguez. Criar em conjunto para agora dizer em imagens, na tentativa de ultrapassar aquilo que não admite resolução. Agora compartilhamos nosso Dragão, nossa cavalgada, para que a potência da arte possa reverberar como se deve.

DOMINIQUE ARANTES, atriz



"(...) só hoje, dia 15 de julho (minha mãe faz aniversário daqui a uma semana, meu deus!), com o cancelamento do ensaio e pensando sobre a gente, descobri como eu Fred respondo a questão maior do espetáculo e a questão que o Inácio ainda não sabe como responder: eu só consigo ultrapassar uma coisa que não admite resolução fazendo teatro. Viver não admite resolução, já me conformei, mas faço teatro. É a minha resposta para continuar em frente, caminhando apesar dos pesares. É insistindo em teatro, ficcionalizando a vida e o sujeito Fred que eu não tomo. Talvez se eu já estivesse formado em engenharia, eu agora estivesse conhecendo e sendo amigo da Lilla da vida real, que viu num salto a possibilidade de, durante poucos segundos, não ter que se esforçar para segurar as próprias pernas. Como deve ser difícil segurar as próprias pernas sem palco!"

FRED ARAÚJO, ator



Começamos pensando em como somos assaltados por atravessamentos. Quais coisas doces e amargas nos atravessam e deixam em nós um rastro, mudando nosso curso em qualquer esquina. Pensamos como mesmo nos lugares mais íntimos, enlatamos nossos afetos em convenções deixando inescrupulosamente a vida escorrer pelos dedos. Pensamos na claustrofobia em que transformamos o dia-a-dia. Pensamos como sobram motivos para nos retirar de tudo. E como conhecemos pessoas que nos acompanhavam que se retiraram da vida. Pensamos em poder transitar juntos por essas coisas e profanar o silêncio imposto pelo sentimento inominável desses atravessamentos. Pensamos em inventar uma história para contar sobre isso que se viveu, com que se lutou, que nos ultrapassou e exigiu que aceitássemos que há coisas que simplesmente não tem resolução. Pensamos: como seguir depois disso? E pudemos, cada um a sua maneira, olhar para o mundo e ver que sobraram afetos ainda pulsantes, sobraram as lembranças, a possibilidade de se falar delas, poder rir de novo e dançar. Juntos.

MARÍLIA MISAILIDIS, atriz



*Uma cauda de maculha com alturas
aproximadas, 1 grama de madeira pintada; → L com o
uma bola de vidro; 1 grama de fuzil; → L com o
sem nervos, uma miolo System AWA; → L com o
uma cabeça pequena sem marca;*